



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

MÃE STELLA DE OXÓSSI E AS DISPUTAS POR UMA CIDADE NEGRA

DEBORA SIMÕES DE SOUZA¹

Resumo: Neste artigo realizo uma discussão sobre a importância da presença dos monumentos que representam a população negra em Salvador. A análise foi realizada a partir da atuação de um importante ialorixá, Mãe Stella de Oxóssi e seu reconhecimento público com a inauguração, em 2019, de um monumento que representa tanto a líder do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá quanto a divindade da caça e das matas, Oxóssi. A estátua foi construída pelo escultor Tatti Moreno e vem sofrendo sistemáticos ataques. Sendo assim, o debate aqui, está centrado na disputa por memória e narrativa e também o direito à ocupação da cidade pela população negra com símbolos relevantes para a sua cultura, história e identidade. É indubitável a força da luta de Mãe Stella no combate à discriminação dos negros, das mulheres e dos adeptos das religiões de matrizes africanas. Sua atuação possibilitou novas perspectivas para um conjunto de sujeitos marginalizados socialmente e comunidades desvalorizadas.

Palavras-chave: monumentos; Mãe Stella; Salvador; identidade negra

Introdução

Em 2 de maio de 1925, em Salvador, Bahia nasceu uma menina negra retinta batizada como Maria Stella de Azevedo Santos que mais tarde ficaria conhecida como Mãe Stella de Oxóssi. Na segunda década do século XX, o Brasil ainda estava consolidando a República. Nos últimos anos do século XIX, dois grandes fenômenos sócio-históricos haviam transformado as terras brasílicas: a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888², por meio da assinatura da Lei Áurea e a instauração da República, com sua proclamação em 15 de novembro do ano seguinte. Reformas sanitárias e urbanísticas; revoltas populares agitavam e transformavam as diversas regiões brasileiras.

Foi também no começo do século XX, que se intensificaram as discussões sobre a construção da identidade nacional. As políticas públicas ligadas ao registro e

¹ Pós doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Doutora pelo mesmo programa. Mestre em História Social pelo Programa de Pós- Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS/UERJ). Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora efetiva de História do IF Baiano. Coordenadora do NEABI- geral do IF Baiano. E-mail: debora.simoess@gmail.com.

² Nunca é demais mencionar que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão e que sozinho ele foi responsável por mais da metade do quantitativo de africanos capturados e forçados a trabalharem no Brasil de todo o continente americano.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

tombamento de elementos que representavam a cultura nacional brasileira, num primeiro momento, ficara registrada a valorização de um ideal europeu que deveríamos nos aproximar. Sendo assim, foram tombados prédios e monumentos que destacavam a bravura dos portugueses, numa perspectiva e enaltecimento do masculino e do branco. Há um conjunto considerável de igrejas católicas marcadas como representativas da cultura nacional. Desse modo, é possível incluir uma terceira perspectiva, o catolicismo. Ou seja, são elementos que destacam traços: brancos, masculinos e católicos. Em praças, ruas e avenidas das metrópoles brasileiras podemos ver estátuas que homenageiam coronéis, duques, imperadores, entre outras condecorações. O que esse conjunto de monumentos dizem sobre a construção da identidade nacional? O que essas estátuas omitem sobre a história do Brasil? Esses monumentos falam algo?

Aqui, abordarei as disputas em torno da ocupação por monumentos e identidades a partir das escassas estátuas ligadas a cultura e história da população negra na cidade de Salvador. Utilizarei uma análise de caso relacionada a depredação do monumento que homenageia Mãe Stella, que por muitos anos comandou o Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador, na Bahia. Além de uma famosa sacerdotisa ela teve uma atuação na sociedade soteropolitana, na mídia, na literatura, nos círculos acadêmicos e políticos. Ela foi a quinta ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, sucedendo mãe Ondina de Oxalá (CAMPOS, 2003).

Um breve panorama do contexto da cidade e do estado que Mãe Stella viveu

Salvador tem uma população majoritariamente negra, mais de 80%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É necessário, voltar um pouco para compreender como essa cidade se constituiu como tal, ou seja, como negra por excelência.

Ao direcionarmos nossos olhares para o quantitativo de africanos retirados do seu continente de origem no processo histórico da expansão europeia nas Américas notamos o papel de destaque que o Brasil conquistou. Não se trata de “descobrimto das



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Américas” como minha geração aprendeu nas escolas, nos livros didáticos, em relatos de viajantes, em filmes. É imperativo o abandono desse termo colonial. O verbo descobrir expressa, nesse contexto, a ideia de que antes da chegada dos comerciantes e religiosos europeus na África o povo que ali habitava não possuía história e foi apenas a partir do contato com os europeus que esses povos passaram a existir, há ter história.

O tráfico de africanos pelo oceano Atlântico foi o maior deslocamento forçado de indivíduos da história da humanidade (ELTIS, 2007). Além do contingente numérico de escravizados capturados, impressiona também, a duração dessa diáspora. Se antes do final do século XV, o oceano Atlântico era esse enorme obstáculo que inviabiliza o contato sistemático entre os diferentes povos que habitavam os continentes banhados por ele, a partir daí ele transformou-se no principal caminho que construiu parte importante das histórias da África, Europa e Américas. A exploração da Europa nas Américas teve como base o comércio e o tráfico de pessoas negras. A mão de obra de africanos escravizados sustentou a exploração de produtos agrícolas para a exportação e do ouro, eles foram trazidos nessa longa e dolorosa viagem pelas potências europeias da época. Durante vários séculos, a comercialização de africanos foi a principal razão e talvez única, para o contato entre europeus e africanos. Além das atividades agrícolas, foi a mão de obra de escravizados e escravizadas que sustentaram, por séculos, as atividades cidadinas.

A exploração colonial dos portugueses no Brasil (que não tinha esse nome ainda) começou pela Bahia, por volta do ano de 1530. As primeiras embarcações portuguesas chegaram na região sul da Bahia. Já a cidade de Salvador foi fundada em 1549, tornando-se a primeira capital e a mais antiga cidade do país. Entre os séculos XVI e XVIII, foi a cidade mais importante do território. A cidade formou-se ao redor da Baía de Todos os Santos e por muitos anos teve o porto mais movimentado do país, com um intenso fluxo de atividades comerciais. Sua localização facilitava a exportação dos produtos agrícolas para outros países. Em 1763, a cidade perdeu para o Rio de Janeiro o cargo de capital nacional (SANTOS, Milton, 2008).



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Os casarões, os sobrados e as suntuosas igrejas marcam a paisagem da cidade, heranças do passado colonial e imperial. O Estado, a Igreja e a nobreza imprimem com suas riquezas e poder a fisionomia arquitetônica da cidade, determinando construir, ao longo de séculos, monumentos que indicam o passado colonial. Ainda hoje, essas edificações se mantêm como referência nacional para o turismo focado em patrimônio histórico e urbanístico, sendo alvo de constantes propagandas do Governo do Estado da Bahia. Risério (2004) denomina essa marca como um legado do “urbanismo barroco”. Em sua fundação a cidade foi dividida em duas áreas: a baixa e a alta, categorias que operam até os dias de hoje. Originalmente, na parte baixa, concentravam-se as construções ligadas ao comércio, sobretudo dos produtos agrícolas vindos do Recôncavo, enquanto na parte alta construções do Estado, da Igreja e das famílias mais influentes, ricas e brancas (MATTOSO, 1992).

Outra característica de Salvador, relevante para os argumentos apresentados aqui é que a cidade abrigou o segundo maior porto de desembarque de africanos nas Américas no período da comercialização de sujeitos escravizados, conforme exposto no site do Projeto Salvador Escravagista, vinculada a Universidade Federal da Bahia. Na página eletrônica do projeto é possível consultar dados recentes que apontam que os navios negreiros da Bahia carregaram cerca de um milhão, trezentos e cinquenta mil pessoas, aprisionadas e escravizadas, que vivenciaram a dolorosa travessia do oceano Atlântico. Até 1790, Salvador tinha o principal porto negreiro das Américas, marca superada pelo Rio de Janeiro no século XIX (ELTIS; RICHARDSON, 2010). Além de ter recebido muitos escravizados, Salvador também enviou essa mão de obra, principalmente para o Rio de Janeiro (O’MALLEY; BORUCKI, 2017).

O elevado número de africanos que aportaram em Salvador no violento processo de exploração colonial juntamente com a resistência dos negros africanos e dos nascidos no Brasil resultaram em heranças culturais que podem ser vistas e sentidas sob um olhar, corpo e mente atentos, ao circularem pela cidade de Salvador. A relação entre as antigas escravas de ganho, negras livres e libertas que trabalhavam com venda ambulante no século XIX, em Salvador. Para Cecília Moreira Soares (1996), no trabalho



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

sobre as relações comerciais realizadas no século XIX, nas ruas de Salvador, informa que tal mercado era fundamentado no sistema de ganho, sendo a partir desse sistema que “a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano” (SOARES, 1996, p. 57). Segundo a tabela apresentada por Soares sobre o censo da freguesia de Santana, em Salvador, no ano de 1849, as africanas libertas totalizavam 198 dentre as que desempenhavam diferentes funções, sendo que a maioria se concentrava no pequeno comércio, contabilizando “71% das africanas libertas que negociam, proporção que sobe para 79%, se acrescentarmos aquelas que declararam vagamente viverem do ganho” (SOARES, 1996, p. 59).

Mãe Stella: aspectos biográficos

Em maio de 1925, em Salvador, Bahia nasceu Maria Stella de Azevedo Santos que anos depois iria se tornar uma das mais importantes líderes religiosas de Salvador. Filha de Thomazia de Azevedo Santos e Esmeraldo Antigno dos Santos que faziam parte de um pequeno grupo de negros que pertenciam a classe média por causa de casamentos interraciais e a inserção nos pequenos comércios citadinos (CAMPOS, 2003). Vera Campos (2003), principal biógrafa de Mãe Stella, traça o caminho de ascensão social realizado por parte da família da ialorixá. Como a dona Arcanja, tia de Stella, que foi casa com um “descendente de portugueses, José Carlos da Cruz Fernandes, e dona Theodora, sua avó, que tinha uma venda no mercado São Miguel, ascendeu socialmente graças ao comércio de peixe” (CAMPOS, 2003, p. 29).

A bisavó por parte de mãe de Stella era africana da etnia *egbá*, de acordo com as narrativas da própria Stella sua bisavó conhecida por ela como Maria Konigbagbe, quando ela tinha nove anos, foi capturada na África e trazida para o Brasil para trabalhar no regime escravista. A pequena Konigbagbe estava na aldeia onde vivia com sua família e pediram para que ela entregasse uma encomenda no porto, num determinado navio; ao chegar foi presa e em seguida enviada para o Brasil na condição de escrava.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

A herança do candomblé Stella recebeu de sua avó Theodora filha de Maria Konigbagbe. Os indícios desse legado religioso vieram ainda na infância. Sobre a infância Campos (2003) nos conta:

Desde os treze anos Stella começara a transgredir os padrões de conduta próprios de sua educação e a frustrar as expectativas familiares. Havia nela alguma coisa estranha, seu comportamento não era esperado. ‘Será que é herança de santo de minha mãe?’, conjeturava sua tia Arcanja – responsável senhora casada com um tabelião –, que ocupava o posto de *arobá* (ou equede, ajudantes das filhas de santo) no Gantois e de *sobalaju* no Opô Afonjá desde os tempos de Mãe Aninha, de quem era afilhada.

Na tentativa de solucionar o problema, Stella foi levada ao *oluô* (jogador de búzios) Pai Cosme de Oxum, o qual declarou que ela deveria ser iniciada e que seu caminho era de ialorixá. Com isso a situação complicou-se ainda mais, e dona Arcanja decidiu consultar Mãe Menininha, ialorixá do Gantois. Dona Joaninha, que cuidava de Stella no lugar da mãe, sempre atarefada nos afazeres domésticos e por vezes doente, acompanhou Stella na consulta. Depois de muita demora, uma filha da casa apareceu e avisou que ninguém mais seria recebido por Mãe Menininha naquele dia. Aborrecida, dona Joaninha foi embora e relatou o fato a dona Arcanja, que resolveu levar a menina ao Ilê Axé Opô Afonjá. Mãe Stella conta o que Mãe Menininha falava mais tarde a respeito do sucedido: ‘Stella era para ser daqui, mas não foi por causa de um recado mal dado’.

Stella então apresentou-se a Mãe Aninha, que a esse tempo cuidava do Ilê Opô Afonjá do Rio de Janeiro. Premida por suas tarefas religiosas, Mãe Aninha entregou a menina aos cuidados de Mãe Senhora, então *ossidagã* (a *dagã* da esquerda do Axé), e ela foi conduzida à Ilha de Itaparica, para resolver os problemas do *egum* – isto é, do espírito – de sua avó Theodora.

A iniciação de Stella ocorreu no dia 12 de setembro de 1939 quando ela tinha quatorze anos. Foi *feita* no Ilê Axé Opô Afonjá por Mãe Senhora batizada como Maria Bibiana do Espírito Santo. Mãe Senhora foi uma importante ialorixá, filha de Oxum, nasceu na passagem do século XIX para o XX, em Salvador. Sua herança do candomblé também chegou cedo e aos 7 anos foi iniciada.

Stella narrou para a pesquisadora Vera Campos (2003) suas histórias e percepções dos primeiros contatos com o candomblé:

Voltei para casa com a imagem de tia Aninha, imponente e misteriosa, que com um gesto meio mágico tirou uma fruta – uma maçã vermelha – de uma grande gamela que estava no altar de Xangô, e me entregou. Achei ótimo, esnobei meus irmãos, ainda mais quando me disseram: - “Só você ganhou a fruta do pé do santo...”. Não me saía da cabeça a imagem da ossi dagã. Só falava nela e, então, fui informada de que ossi dagã era o cargo que ela ocupava no axé. Um ano depois, voltei com minha tia Arcanja, a Sobalójú do Opô Afonjá, e Joaninha,



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

companheira de todas as horas. Tia Aninha já tinha falecido e a ossi dagã reinava como ialorixá do Axé Opô Afonjá (CAMPOS, 2003, p. 30).

Teremos que saltar alguns anos agora para adentrar na temática da produção e realizações de Mãe Stella, que se consolidou como uma “intelectual orgânica da comunidade litúrgica”, como definido pelo jornalista e sociólogo Muniz Sodré (2014).

Mãe Stella transitou por muitos espaços profissionais sempre honrando suas crenças nos orixás. Formou-se em enfermagem atuando por muitos anos na Secretaria de Saúde Pública do Estado da Bahia até se aposentar. Nessa ocupação ela dedicou à assistência dos mais pobres.

Em 19 de março de 1976, foi escolhida para ser a ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. Este terreiro de nação *ketu*, em Salvador foi fundado em 1910, em uma roça no bairro de São Gonçalo do Retiro. Na citação a seguir podemos ter uma dimensão do espaço físico da casa de axé, assim como de detalhes sobre o local, que foi tomado do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2000.

O terreiro ocupa uma área de cerca de 39.000 metros quadrados (m²) e está localizado no Cabula, em Salvador (BA). Tombado pelo Iphan, em 2000, e inscrito nos livros do Tombo Histórico e do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. As edificações de uso religioso e habitacional ocupam cerca de 1/3 do total do terreno, em sua parte mais alta e plana, sendo o restante ocupado pela área de vegetação densa que constitui, nos dias de hoje, o único espaço verde das redondezas.

Por força da topografia do terreno, as edificações do Axé Opô Afonjá se distribuem mais ou menos linearmente, aproveitando as áreas mais planas da cumeada, tornando, no acesso principal, um local aberto em torno do qual se destacam os edifícios do barracão, do templo principal - contendo os santuários de Oxalá e de Iemanjá -, da Casa de Xangô e da Escola Eugênia Anna dos Santos. A organização espacial mantém as características básicas do modelo típico do terreiro jejê-nagô. Esses mesmos elementos também são encontrados nos terreiros da Casa Branca e do Gantois, apenas com uma diferença: no Axé Opô Afonjá o barracão é uma construção independente, ao passo que nos dois outros ele está incorporado ao templo principal (IPHAN, 2000, p. 3).

Em 1988, Mãe Stella teve seu primeiro livro publicado, de título *E daí aconteceu o encanto*, em parceria com Cléo Martins. Nessa obra a autora apresenta a origem do Ilê Axé Opô Afonjá, assim como, destaca a trajetória das primeiras líderes da casa. Após essa estreia na literatura, Mãe Stella seguiu publicando, dentre seus livros encontraram-



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

se: *Meu tempo é agora* (1993); *Òsósi - O caçador de alegrias* (2006); *Òwe-Provérbios* (2007) dessa vez uma coletânea de ditados iorubanos e brasileiros seguidos de interpretações de Mãe Stella (CAMPOS, 2003).

Por muitos anos a ialorixá teve uma coluna no jornal *A Tarde*, o mais antigo periódico da cidade e que por muito tempo ocupou a posição de mais importante da cidade. Em 2004, recebeu o título de doutora *honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia. Ainda do conjunto de honrarias por sua atuação, Mãe Stella ocupou a cadeira de número 33 da Academia de Letras da Bahia.

Em dezembro de 2018, mãe Stella faleceu em Santo Antônio de Jesus, no recôncavo baiano deixando um legado de aprendizagens sobre crenças, saberes e ritos do candomblé e uma importante atuação na literatura e na luta pelos direitos da população negra.

Um monumento negro em disputa

Alguns meses após seu falecimento a ialorixá recebeu uma expressiva homenagem da cidade de Salvador: uma escultura dela, defronte a uma de Oxóssi a obra foi feita pelo escultor Tatti Moreno e inaugurada em abril de 2019. O monumento está localizado na Avenida Paralela e Stella Maris, em uma avenida que leva o nome da religiosa.

O monumento representativo da cultura do candomblé foi atacado diversas vezes, nos últimos anos, ataques que podemos denominar de racismo religioso. Uma das tentativas de destruição ocorreu em dezembro de 2022 ocasião na qual a estátua foi incendiada. Nesse sentido, aqui apresentarei uma discussão sobre a denominada “guerra santa”.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Um dos maiores representantes da denominada “guerra santa” é o religioso Edir Macedo. Uma das “armas”³, ou melhor, estratégias utilizadas por Macedo nessa guerra santa foi conhecer bem seu “inimigo” e defender sua “verdade” como superior, porque, através dela, o seguidor do candomblé pode se livrar do “mal”, fazendo assim, uma escolha por um estilo discursivo. Em suma, o religioso não nega, nem tampouco rejeita o poder dos orixás, pelo contrário, ele reafirma tal eficácia, porém, orienta as pessoas como combatê-los.

Sobre a relação que a Igreja Universal estabelece com elementos das religiões que estão em combate, Ricardo Mariano (1996) aponta que a IURD a reconhece e insere, sincreticamente, concepções e características próprias da umbanda, candomblé e, até mesmo, do catolicismo popular. Dessa forma, ao chamar, ao se relacionar, ao menosprezar e “exorcizar deuses do panteão das religiões inimigas, torna-as parte integrante de sua própria identidade” (MARIANO, 1996, p. 127). Ou seja, sem o Diabo, na guerra em que constantemente este é inimigo e expulso, colocado em associação, diversas vezes, com Exu, caboclos e orixás, a Universal possivelmente não seria o que ela é ou mesmo imagina ser.

Segundo Ricardo Mariano (2004), a Igreja Universal do Reino de Deus foi a igreja evangélica que mais cresceu no Brasil nos últimos anos. Esta foi fundada em 1977, na zona norte do Rio de Janeiro, por Edir Bezerra Macedo. Com apenas oito anos de criação, ela já possuía 195 templos, em quatorze Estados e no Distrito Federal. De acordo com o autor, em “1989, ano em que começou a negociais a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e de Salvador” (MARIANO, 2004, p. 125).

De modo semelhante, Ari Pedro Oro (2005-2006) analisa o fenômeno que é a Igreja Universal, observando atentamente os ritos, doutrinas, dogmas, discursos, práticas

³ Todas as palavras entre aspas apresentadas nessa frase foram empregadas por Edir Macedo, no livro em questão.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

sociais, políticas e econômicas, denominando essa igreja como “religiosófaga”. Definida como uma igreja que formou seu “repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários” (ORO, 2005-2006, p. 321).

Ao mencionar as apropriações realizadas pelas igrejas evangélicas aos elementos das religiões afro-brasileiras, Reinhardt mostra como o acarajé é usado nesse contexto, de acordo com a pesquisa etnográfica que realizou. Há dois importantes indícios que devem ser observados na prática do “acarajé de Jesus”, primeiro: a produção de um acarajé livre do candomblé e suas magias, o “acarajé do bem”; segundo:

A distribuição de uma série de contra-feitiços, principalmente nos rituais da Igreja Universal do Reino de Deus, objetos mágicos como o ‘sal do descarrego’, que devem ser acrescentados às comidas de origem africana, de modo a anular qualquer risco de contágio, pelo poder maléfico que pode habitá-las (REINHARDT, 2006, p. 100).

O autor esclarece que são modos de ataques usados numa disputa pela hegemonia num mercado religioso. E ainda, apresenta a importância que as comidas de tabuleiro possuem no candomblé, como comida de orixá.

Silva (2007) salienta que determinados símbolos das religiões afro-brasileiras são negados e atacados por certos grupos pentecostais, em contrapartida, outros símbolos ligados às religiões afro-brasileiras são utilizados e incorporados numa nova “versão pentecostal”.

Efetivamente, alguns símbolos das religiões africanas, presentes em outras manifestações, religiosas ou não, da cultura brasileira, têm sido ostensivamente negados ou substituídos por uma “versão pentecostal”. É o caso, entre outros, da proibição do aprendizado da música de percussão, associada ao demônio, ou a prática da capoeira, que é substituída pela capoeira gospel ou evangélica, na qual são retiradas das letras das cantigas as referências religiosas ao candomblé e aos santos católicos, substituindo-as por referências a Jesus (SILVA, 2007, p. 255).



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Considerações finais

Os ataques direcionadas ao monumento em homenagem à Mãe Stella em Salvador são representativos da “guerra santa” uma batalha protagonizada pelos evangélicos aos símbolos das religiosidades afro-brasileiras. Esta guerra é um produto direto do racismo religioso que vem crescendo em vítimas e ganhando espaço no debate público, principalmente na grande mídia. Aqui, analisamos esse fenômeno social a partir dos ataques realizados a estátua de Mãe Stella e seus desdobramentos.

No decorrer da análise foi possível concluir que a ocupação do espaço público da capital baiana é uma questão importante e merece atenção, nesse contexto estão em disputas identidades, narrativas e memórias significativas para diferentes grupos. Salvador é uma cidade de maioria negra e como tal deveria ter monumentos que representassem, ao menos, o quantitativo numérico. Contudo, esse cenário ainda não existe, uma vez que os poucos monumentos negros existentes são depredados em tentativas de destruição.

Referências

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **Mãe Stella de Oxossi**: perfil de uma liderança religiosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ELTIS, David; RICHARDSON, David. **Atlas of the Transatlantic Slave Trade**: New Haven & Londres: Yale University Press, 2010.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? 15. ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2002.

MARIANO, Ricardo. **A Igreja Universal do Reino de Deus**: A magia institucionalizada. Revista da USP, São Paulo, n. 31, p. 120-131, set/ nov. 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MATTOSO, Kátia. **Bahia, Século XIX**: Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

O'MALLEY, Gregory E.; BORUCKI, Alex. Patterns in the intercolonial slave trade across the Americas before the nineteenth century. **Revista Tempo**, n.23, 2017.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo macumbeiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.

REINHARDT, Bruno M. N. **Espelho ante Espelho**: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**: Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Edufba, 2008.

SANTOS, José Felix dos; NÓBREGA, Cida da (Org.). **Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora**: saudade e memória. Salvador: Corrupio, 2000.

SILVA, Wagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religião afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.

SOARES. Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Revista Afro- Ásia. Salvador**: CEAO, nº17, 1996, p. 57-71.

SODRÉ, Muniz. Que chegue a alegria / Stella – de Oxossi. In: SANTANA, Marcos (Org.). **Mãe Stella de Oxóssi**: estrela nossa, a mais singela. Salvador: Pimenta Malagueta Editora, 2014.